**Vítor Ramalho**

Como devem calcular, estou gratíssimo ao meu querido e velho amigo de faculdade, estão aqui tantos colegas de faculdade desse tempo, aos quais estendo esta gratidão. Ao meu amigo Vítor Melícias que para além da relação na universidade, que marca muito e já disse, ele era Vítor e eu sou Vítor, sentávamos-mos um ao lado do outro e eramos sempre chamados, para os exames, um a seguir ao outro. Muito obrigado querido Vítor por teres aceite fazer essa intervenção. Também à Ana Catarina Mendes, eu tenho uma estima muito grande pela Ana, ela explicou porquê. Esta coisa de nós militarmos ativamente pelo sonho, eu aliás, a referência ao Sebastião da Gama tem este cunho, porque ele era de facto da zona de Setúbal e eu precedi-o na Federação. Eu tenho um orgulho imenso de que ela tenha sido Presidente da Federação de Setúbal e logo a seguir acabasse, com muita justiça, Secretária-Geral Adjunta do Partido Socialista. A razão pela qual estão aqui os dois é por serem amigos, um da universidade, outro destas andanças em que eu me meti há longos anos.

A Guilhermina Gomes é também um caso singular, a Guilhermina aparecia na Fundação do Dr. Mário Soares muitas vezes ríamo-nos com ele e ela tinha sempre uma forma muito singular de acarinhar as publicações deles, em momentos muitos difíceis, na fase final, com amigos e com pessoas que acabaram por fazer obras com ele, ou sobre ele. Para além desta referência final à Guilhermina, eu queria também dirigir-me a todos que se dignaram corresponder ao convite para aqui estarem, sem distinções, porque são todos queridos amigos, a minha gratidão. A amizade é um bem supremo do ser humano. Como sucedeu convosco eu não escolhi a terra onde nasci, mas porque o “homem é também as suas circunstâncias”, as minhas conduziram-me naturalmente a uma dupla presença, a uma dupla pertença.

Eu nasci numa terra que é já ali, muito perto daqui. Era assim que as gentes da minha terra respondiam quando lhes perguntava se era perto ou longe aquela onde eu desejava ir. A minha terra é, por isso, mesmo perto daqui, a cerca de nove mil quilómetros de distância, apenas porque no país da minha terra o clima mediterrâneo coabita com o equatorial e tudo é próximo, muito próximo, na grandeza do território.

Esta primeira pertença por nascimento foi-me reforçada ainda com calções pela convicção que gerei, desde muito cedo, que as portas das casas deveriam estar noite e dia abertas. Era isso que eu via, e falo-vos com toda a sinceridade, era isso que eu via na casa dos meus tios, onde passava férias, a escassos cem quilómetros onde nasci, a percorrer por terra batida, com o camião a enterrar-se aqui e além numa enxurrada, sempre inesperada, causada pela chuva tropical.

Nessa casa – na terra dos meus tios coexistiam apenas mais cinco casas – não havia luz elétrica nem água canalizada e os camionistas que vinham das terras do fim do mundo, que eram assim mesmo designadas no Cuanhama, para o Huambo entravam nela a horas mortas, já dormíamos, sabendo a que quarto se tinham de dirigir para pernoitarem e sempre por indicação atempada de colegas que beneficiaram de hospitalidade anterior, nos percursos das terras do fim do mundo para Huambo. A circunstância dos meus tios viverem sós, era uma ajuda preciosa para esses camionistas. Eu lembro-me muito, mas mesmo muito, quando ao pequeno-almoço, um dos tios inteirava-se de quem eram os intrusos que se tinham sentado à mesa, já estavam até a comer, eu ficava impressionado pequeno com o meu irmão e o Hélder, um querido amigo, eu ficava estasiado a ouvir estórias com rugidos de leões ou choros de hienas. E quando a noite se aproximava, eu aproximava-me por vezes da grande fogueira que crepitava na sanzala próxima, com as labaredas a subirem ao céu, ao som dos batuques compassados, com danças que nos fizeram dançar para sempre.

Compreendem como esta pertença me marcou, fazendo-me angolano como a minha mãe já o era e o meu único irmão. Ter bilhete de identidade não dá mesmo alma à nossa identidade angola. Eu tenho-a na alma por pertença e prescindo do bilhete. Os horizontes a perder de vista, uma porta de casa sempre aberta, a solidariedade nunca negada e depois o som dos batuques e as danças e o mais que existe num país que ampliou catorze vezes e meia as qualidades das muitas que os portugueses têm impregnaram-se-me fortissimamente.

Porquê referir estas circunstâncias? Porque ao tempo, Angola não tinha universidade e eu, emancipado aos dezoito, vim para Lisboa. Esta era então uma cidade engravatada, mesmo para os estudantes universitários e não tinha batuques nem fogueiras que tocavam o céu. O choque dos contrários ocorreu nos meus dezoito anos. Um ou dois anos depois, os colegas da universidade, grande parte deles aqui presentes, transportaram-me para outra pertença. A pertença da grandeza do que somos, os falantes de português, então blindados por um regime que me fez ver como a opressão se abatia, em diferentes graus, mas com a mesma tonalidade, sobre o povo português e sob os povos colonizados.

Na altura, os caminhos da entrega generosa, mas carente da usura da vida, conduziram-me, enquanto estudante, como a muitos outros, à extrema-esquerda, na altura não faltando as palavras de ordem contra as opções do socialismo, ao que apelidámos de burguês, do tipo “é sempre a mesma melodia, Mário Soares e a social-democracia”. E de nada valia dizerem-nos que aquele homem era personalidade que por doze vezes recolhera aos calabouços da prisão por razões políticas. Nós tínhamos nessa idade, a idade das certezas.

Ficou-me desse tempo a frase certeira de um filósofo da praxis, aprendi algo com a extrema-esquerda, de que lembrava que a experiência é o superior conhecimento da razão. Foi ela, a experiência, que me conduziu a reconhecer qualidades invulgares num homem corajoso, patriota, com rara intuição política e intrépido defensor dos ideais da liberdade e da justiça social, tornando-se meu amigo e eu dele. E também muito da mulher, Maria Barroso, que aliás, ela era tão grande a lado de um homem tão grande, tinha voz própria e esteve sempre ao lado dele.

Ironizo, ainda hoje, muitas vezes com a palavra de ordem que gritara e cravada nessa altura, percebi mais tarde, de injustiça. Ele ria-se e invocava Willy Brandt, batia-me nas costas e dizia, nunca se esqueça que um socialista na idade madura é, em geral, de extrema-esquerda, foi sempre, na juventude. Mário Soares era de facto fixe. Palavra que hoje podemos vê-lo, como um cognome, se lhe colocou à pele e passou a ser inseparável da sua pessoa. É raro haver esta referência de um cognome surgir da espontaneidade do carater e que depois se pega à pele de uma pessoa. Com ele, revivi a alegria de viver da minha juventude em Angola, porque havia nele também um horizonte sem fronteiras e tudo era próximo para ele. Ele tinha uma conceção universalista, uma forma desengravatada de estar em qualquer ambiente, a grandeza da política com um P grande que praticava, a transparência, a liberdade. Sim, a liberdade, sobretudo o amor à Liberdade, à Democracia e ao Progresso. E muita, muita coragem por um ideal. Caraterística que ele dizia que devia ser a primeira que um político devia ter.

Mário Soares foi a circunstância que me conduziu a reforçar a grandeza da alma lusófona, a grandeza do povo português e de Portugal. Foi o seu exemplo que me encorajou a reeditar, com a colaboração e o apoio do Semanário Sol, os livros de bolso dos associados da Casa dos Estudantes do Império (CEI) e as Antologias Poéticas de Angola, Moçambique e São Tomé e Príncipe dos jovens das ex-colónias que acabaram grandes escritores, muitos grandes escritores que nasceram aqui na solidariedade arrojada por razoes que a opressão acabou por unir, grandes políticos que precederam a minha vinda para Lisboa. O que eles fizeram é único, num país que colonizou outros, nenhum outro país tem isto. Aquando se deram as independências, esses jovens que cá estavam, acabaram todos eles Primeiros-Ministros e Presidentes e formaram-se aqui em Portugal. São eles Miguel Trovoada, Pedro Pires, Agostinho Neto, França Van-Dúnem, Mário Machungo, Pascoal Mucumbi, mas também Joaquim Chissano. Em 1961, eles empreenderam uma fuga de Portugal para os territórios descolonizados. A grandeza disto e o que isto representa, se houver uma estratégia política de futuro dos nossos povos e países, é imenso. Mas nós, muitas vezes, não ouvimos os mais velhos. Não temos este repositório de verdade e não há futuro sem memória.

Também foi ele que me ensinou a ser vigilante, sempre vigilante dos desvios a princípios e valores do ideário político que eu próprio escolhi e o qual ele me influenciou muitíssimo. De alguma maneira, o Mário Soares, fez-me andar sempre sobre o fio da navalha na política, como o livro que hoje é apresentado reflete. E andar no fio da navalha não é fácil nem agradável, muitas vezes cortamo-nos e cortam-nos. Mas o caminho só é este, porque andar assim suscita dúvidas sobre o futuro, como a Ana já referiu, sobretudo neste mundo incerto e faz levantar o dedo contra eventos que ferem princípios e valores. Procurei fazê-lo sempre procurando defender um percurso de coerência como homem livre, consequência também da luta de Mário Soares, de que fomos e somos beneficiários dela, mesmo sem admiração por ele. Defendendo sempre que o nosso partido é um partido de homens e mulheres livres peço desculpa evoca-lo aqui, mas é a verdade. A crónica que escrevi tem neste domínio um sentido pedagógico para os mais jovens, por isso o dediquei ao meu neto que aqui está, porque não há futuro sem memória e, sem falsa modéstia, também de reflexão para os demais, incluindo os militantes do meu partido, não esquecendo os dirigentes. Espero que sirva também para estes. Quando fez oitenta anos disse, porque era frontal, que esperava ver o resultado de uma safra melhor para as elites, porque são como o vinho, a safra não dá bom vinho todos os anos. Felizmente temos aqui uma consequência positiva, de uma boa safra, que é a Ana.

Muito obrigado pela presença amiga de tantos amigos. Ele, o Dr. Mário Soares, merece-o, onde quer que esteja, ele sabe que, contraventos e marés, contra quem quer que fosse, eu faria sempre este, ou outro qualquer evento. Porque ele é pertença do país, não é pertença de ninguém. Ele era mesmo fixe e a ultima palavra que lhe dirigi quando o cortejo fúnebre passou à porta da sede do partido que ele fundou foi essa. Eu gritei, sentindo uma lágrima furtiva, escondendo-me das camaras de televisão e disse - Soares é mesmo fixe!

Permitam-me, são todos grandes amigos e todos por igual, mas não levarão a mal que eu refira apenas três pessoas que aqui estão aqui na sala e que são da minha outra pátria, Senhor Embaixador de Angola, muito obrigada pela sua presença, o Senhor Embaixador Luís Almeida, muito obrigada, ele que representa a CPLP. Deu-me muita alegria que o nosso Embaixador que estava nos Estados Unidos da América e passou aqui, ele era da CEI, muito obrigado. São três embaixadores do meu outro país, e sabem uma coisa? Eu acho que esse outro país vai ser muito importante para Portugal.